

**Contingências da relação entre Psicanálise e transdisciplinaridade:
uma revisão sistemática (2012-2022)**

Allan Santos Martins¹

Matheus Coutinho dos Santos Alves²

Maycon Rodrigo da Silveira Torres³

Resumo

O contexto envolvendo as ciências contemporâneas no qual se preconiza a iniciativa pela construção de objetos integrativos na pesquisa, especialmente no campo da saúde mental, com bases numa perspectiva do axioma da complexidade, nos expõe uma contestação sobre a lógica clássica vigente na visão hegemônica do fazer ciência. O objetivo desta pesquisa é identificar a relação entre Psicanálise e transdisciplinaridade. Foi realizada uma pesquisa de revisão bibliográfica de artigos científicos publicados entre 2012 e 2022 nas plataformas SciELO, PePSIC e Google Acadêmico, sendo selecionados e analisados cinco artigos, no intuito de pesquisar quais as possibilidades e impasses para a teoria psicanalítica, tanto numa perspectiva acadêmica como clínica, para possíveis conexões com outras disciplinas. Interpelamos sobre a viabilidade de um lugar mediador no qual a Psicanálise possa não apenas oportunizar o atravessamento das fronteiras entre esses diversos saberes, bem como, ela mesma, atravessar e consentir o seu atravessamento por novos conhecimentos.

Palavras-chave: Psicanálise, Transdisciplinaridade, Interdisciplinaridade, Complexidade

1 Psicólogo. Especialista em Fundamentos da Clínica Psicanalítica pela Faculdade Maria Thereza – Famath (Niterói, Rio de Janeiro, Brasil). Bacharel em Psicologia pela Famath. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-3374-9719>. E-mail: allansmartins7@gmail.com.

2 Psicólogo. Pós-graduação *lato sensu* em andamento em Espiritualidade e estudos da consciência pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Bacharel em Psicologia pela Faculdade Maria Thereza – Famath (Niterói, Rio de Janeiro, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8637-3777>. E-mail: macountinhoa@gmail.com.

3 Psicólogo. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense - UFF (Niterói, Rio de Janeiro, Brasil). Professor Adjunto de Psicologia Clínica e Saúde Mental na UFF. Membro do Laboratório de Psicanálise e Laço Social (Lapso/UFF). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9479-7521>. E-mail: mrstorres@id.uff.br.

Martins, A.S.; Alves, M.C.S. & Torres, M. R. S.

A Psicanálise foi criada por Sigmund Freud como ciência a partir da observação da prática clínica, tendo como principal método o caso clínico (Freud, 1905/2006). O desenvolvimento da teoria psicanalítica visou responder ao furo do saber científico de uma Medicina pautada na anatomopatologia (Foucault, 1963/2014). Ainda assim, no início de sua carreira, é possível afirmar com Torres (2023) que Freud sustentou um ideal de método científico calcado na Física clássica, como é possível inferir pela leitura do texto proscrito *Entwurf einer Psychologie* ou *Projeto para uma psicologia científica*, que propunha uma hipótese aparentemente físico-química para a explicação dos fenômenos psíquicos. No contexto de Freud, o mecanicismo physicalista postulava a explicação de todos os fenômenos pelas leis da Física Mecânica, baseada nas reações das partículas e dos corpos. O cérebro foi visto inicialmente como um órgão-máquina, sendo os estados mentais efeitos correlatos dos estados fisiológicos. A dificuldade de Freud para sustentar esses dois modos de funcionamento exigiu um reposicionamento metodológico que culminou na elaboração de uma abordagem nova ao inconsciente diante da complexidade própria por trás dos sintomas neuróticos. O inconsciente foi formulado como uma lógica passível de análise e os fenômenos psíquicos articulados a uma complexa rede de funções elementares rearranjados de acordo com as injunções da realidade e relação do sujeito com o outro.

Concomitantemente à criação da Psicanálise no início do século XX, um dos pilares da lógica clássica, a causalidade local, foi colocado em questão pelas descobertas da descontinuidade de Max Planck (1858-1947), baseando-se no fato de que a energia tem uma estrutura discreta e descontínua, e pelo conceito da não separabilidade, provado pelo teorema de Bell, criado pelo físico John Bell (1928-1990), que demonstrava que as entidades quânticas interagem, qualquer que seja o seu afastamento. Para Nicolescu (1999/2017), seria então a existência dessas correlações não locais que expandiriam o campo da verdade, da Realidade, conforme a perspectiva da Física Quântica. A revolução quântica questionaria a existência de apenas um único nível de Realidade, concebendo-a tanto em um significado pragmático como ontológico. Compreende-se a Realidade como aquilo que resiste às nossas experiências, representações, descrições, imagens e fórmulas matemáticas, em que a abstração deixa de ser um lugar intermediário entre nós e a natureza para se tornar uma de suas partes constitutivas. E em sua dimensão ontológica, a Realidade não seria apenas uma construção social ou relação intersubjetiva, mas transobjetiva, na medida em que um fato experimental pode contaminar a própria teoria científica.

Observa-se que nos primórdios da Psicanálise haveria já indícios que corroboram essa ideia de um fazer científico que perturba a ordem das ciências tradicionais calcadas no positivismo. Tal afirmação poderia ser investigada na forma como Freud (1905/2006) deu à Psicanálise um lugar intermediário entre as ciências da natureza e as ciências humanas, capaz de dialogar com outros campos de saberes de diversas naturezas, tais como: Química, Biologia, Psiquiatria, Artes, Educação, Linguística, Antropologia etc. Esse possível diálogo entre os diversos campos nos indicaria um movimento muito próximo do que se designa hoje de metodologia transdisciplinar (Coutinho & Felix, 2018).

Lacan (1966/2008), por sua vez, situou a práxis psicanalítica na divisão do sujeito (*Spaltung*), que não é um fato empírico, mas uma consequência da constituição do objeto de uma ciência. Ele fez referência à Física para ilustrar a ruptura com o empirismo, destacando a evolução da

ciência e a expansão de sua energética a outras ciências. A constituição do sujeito implica uma mudança contínua de posição na ciência, iniciado com o cogito cartesiano, consoante o qual a rejeição de todo saber funda o sujeito desejante no ser. A divisão do sujeito ocorre entre o saber e a verdade, sendo essa última situada no campo do Real, precisamente como aquilo que introduz uma lacuna no saber. Lacan concluiu que não há ciência do homem, pois o homem da ciência não existe, apenas seu sujeito, destacando a dificuldade de reduzir o sujeito da ciência à posição de objeto. A Psicanálise surgiu com o intuito de dar lugar ao sujeito do inconsciente foracluído do discurso da ciência. Além disso, Lacan (1964/2008) fez uma provocação ao questionar a função do desejo do analista na análise: “Pode esta questão ser deixada fora dos limites de nosso campo, como o é de fato nas ciências – ciências modernas do tipo mais garantido – em que ninguém se interroga sobre o que é, por exemplo, o desejo do físico?” (p. 17).

O conceito de transdisciplinaridade surge na esfera clínica-política sem uma definição clara. A “Carta da Transdisciplinaridade”, assinada por Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu (1994), discute como a proliferação das disciplinas acadêmicas resultou no crescimento exponencial do conhecimento e fragmentou a abordagem ao ser humano. Diante da complexidade do mundo contemporâneo, impulsionada pela tecnociência de lógica eficaz, há o risco de autodestruição física e espiritual da humanidade. A Carta, dividida em oito artigos, destaca a impossibilidade de reduzir o ser humano a uma única definição ou estrutura formal, enfatizando que a “transdisciplinaridade não procura o domínio sobre as várias outras disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa” (Freitas et al., 1994, p. 2).

Amultidisciplinaridade aborda um objeto a partir de diferentes perspectivas, sem acordos prévios sobre métodos ou conceitos específicos. Envolve uma justaposição de disciplinas em um mesmo nível, sem cooperação sistemática entre elas. Já a transdisciplinaridade vai além, ultrapassando limites e fronteiras, desestabilizando a dicotomia sujeito/objeto e a unidade disciplinar. Essa abordagem cria novas possibilidades de pensamento e ação, subvertendo os campos epistemológicos estabelecidos (Passos & Barros, 2000, p. 76).

A partir da apresentação de uma metodologia que tem em vista um objeto complexo e, portanto, que trabalha com o atravessamento entre as fronteiras disciplinares do saber, pergunta-se: uma vez que a Psicanálise se dedica à análise do inconsciente, seria possível pensar nela como esse lugar de subversão das fronteiras e diálogo entre esses diversos saberes? Existe um pensar num caráter transdisciplinar para a Psicanálise? Isso posto, o objetivo deste artigo é identificar o modo como a relação entre Psicanálise e transdisciplinaridade tem sido discutida no meio acadêmico nos últimos anos.

Método

O artigo propõe fazer uma pesquisa de revisão bibliográfica sistemática sobre a relação entre a teoria psicanalítica e a transdisciplinaridade. Para referência de pesquisa, foram utilizados os seguintes descritores: “psicanálise”; “transdisciplinaridade”; e “transdisciplinar”, nas plataformas de pesquisa SciELO, PePSIC e Google Acadêmico.

Foi utilizado como critério de inclusão para escolha dos trabalhos apenas aqueles escritos em língua portuguesa no recorte de dez anos, entre 2012 e 2022, e aqueles que propõem uma

análise específica entre a teoria psicanalítica e a metodologia transdisciplinar, apresentado no título, ou nas palavras-chave os descritores “psicanálise” e “transdisciplinaridade”, ou “psicanálise” e “transdisciplinar”. A análise dos dados foi realizada em 2023.

De acordo com Galvão e Ricarte (2019), a revisão sistemática da literatura fundamenta teoricamente a pesquisa e permite ao pesquisador conhecer o estado da arte do tema em estudo e embasar seu trabalho em conhecimentos já estabelecidos. Esse tipo de pesquisa identifica lacunas no conhecimento existente, uma vez que, seguindo uma metodologia rigorosa, que inclui critérios claros para a seleção de estudos, garante a qualidade e a relevância das fontes utilizadas; além de também sintetizar os resultados de múltiplos estudos, proporcionando uma visão abrangente e consolidada sobre o tema, fundamental para a tomada de decisões informadas na prática e na política. A transparência e a reprodutibilidade da metodologia permitem que outros pesquisadores repliquem o estudo, aumentando a confiabilidade dos resultados.

Resultados

Foi realizada uma busca na plataforma SciELO utilizando os descritores “psicanálise” e “transdisciplinar”, resultando em quatro artigos. Em seguida, com os descritores “psicanálise” e “transdisciplinaridade”, foram encontrados apenas dois artigos. Aplicando os critérios de inclusão, apenas o trabalho de Coutinho e Fonteles (2019) foi selecionado.

Na plataforma PePSIC, a busca com os descritores “psicanálise” e “transdisciplinaridade” resultou em 11 artigos, dos quais, depois de aplicar os critérios de exclusão, foram escolhidos os estudos de Périco (2019) e Moreira, Rena, Bolaños e Oliveira (2019). Em uma segunda busca na mesma plataforma, utilizando os descritores “psicanálise” e “transdisciplinar”, foram encontrados 20 artigos; no entanto, ao considerar os critérios de inclusão, nenhum artigo atendeu aos requisitos estabelecidos.

Utilizando a plataforma Google Acadêmico, foi realizada uma pesquisa com as palavras-chave “psicanálise” e “transdisciplinaridade” no título dos artigos, resultando em quatro resultados. Observando os critérios de inclusão, foram destacados os trabalhos de Bastos e Gastaud (2013) e Nunes e Maurano (2018). Em uma segunda busca na mesma plataforma, com os descritores “psicanálise” e “transdisciplinar”, foi encontrado apenas um resultado, sendo selecionado o artigo de Coutinho e Felix (2018), conforme os critérios anteriores.

Os artigos que apareceram repetidamente durante o processo de seleção nas plataformas indicadas foram desconsiderados na contagem final, para garantir a contabilização precisa dos utilizados no desenvolvimento da pesquisa. No total, foram encontrados 42 artigos ao buscar com os descritores escolhidos, mas apenas seis atenderam aos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos e foram selecionados para a análise de conteúdo.

Discussão

Observamos em nossa pesquisa que a relação entre a teoria psicanalítica e a transdisciplinaridade passa, *a priori*, também por um olhar para os seus primórdios. Para Coutinho e Fonteles (2019) e Bastos e Gastaud (2013), o início do empreendimento

Martins, A.S.; Alves, M.C.S. & Torres, M. R. S.

de Freud da constituição da Psicanálise é marcado por um caráter interdisciplinar. A interdisciplinaridade seria a condição necessária para a construção do campo psicanalítico, sustentada pela ideia presente na teoria psicanalítica da existência de um encadeamento diverso de fenômenos associados à expressão corporal e à linguagem concomitantemente aos processos de pensamento, presentes tanto em processos normais como nos patológicos, que obedeceriam às mesmas regras (Coutinho & Fonteles, 2019). Freud teria lançado mão desde os primórdios de conhecimentos interdisciplinares na construção de sua teoria e método terapêutico (Bastos & Gastaud, 2013). Haveria um caráter interdisciplinar sendo encontrado tanto no transcurso da constituição de um campo próprio da Psicanálise quanto em um possível potencial de sua aplicação para outras ciências (Física, Química, biologia, Medicina), para a educação e para a cultura, visto que a Psicanálise poderia assumir um lugar intermediário entre as ciências da natureza e as ciências humanas (Coutinho & Fonteles, 2019).

Contudo, antes de um avanço maior na investigação sobre a questão proposta, há alguns pontos a serem analisados na pesquisa que nos convocam a pensar possíveis relações da teoria psicanalítica para além de um cenário e contribuição da interdisciplinaridade. No artigo de Moreira *et al.* (2019), ressalta-se o sentido original da expressão grega *Theoria* como algo importante em cujo âmbito seriam desfeitas as barreiras entre a ciência tradicional e as ciências que especulam. O autor investiga a possível presença de um diálogo entre os saberes como sendo essencial para o desenvolvimento científico e o conhecimento em geral, assinalando a crise política e epistemológica enfrentada pela Antropologia na década de 1960, que, questionando a objetividade e autoridade interpretativa dos antropólogos, surgiria como uma das iniciativas que eclodiram para corroborar ainda mais a já existente necessidade de construção de um conhecimento para além dos campos disciplinares fechados e o estabelecimento de pontes entre os saberes tradicionais e acadêmicos.

Em razão disso, destacamos primeiramente a observação encontrada no texto de Coutinho e Fonteles (2019) de que as ciências contemporâneas promoveriam a construção de objetos integrativos que não poderiam ser alcançados por uma disciplina apenas, e nem tampouco pelo conjunto delas. Dessa forma, Coutinho e Fonteles (2019) e Bastos e Gastaud (2013) identificaram os próprios limites presentes na interdisciplinaridade, visto que ainda estaria ligada a uma ordem disciplinar. Bastos e Gastaud (2013) apontam para o fato de que uma simples intersecção de conhecimentos armazenados não se constituiria numa competência em si, sendo, assim, necessária uma concepção teórica mais abrangente capaz de perceber e compreender os laços existentes entre as diferentes disciplinas, possibilitando inclusive seus avanços.

Para Bastos e Gastaud (2013), em meados do século XX, a tentativa de se compreender os laços entre as diversas disciplinas fizeram surgir a pluridisciplinaridade e a interdisciplinaridade. A primeira se apresentaria como o estudo de um objeto de uma mesma disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo, sendo que o novo conhecimento obtido seria empregado pela disciplina original, permanecendo assim inscrita na estrutura de pesquisa disciplinar. De acordo com os autores, já a interdisciplinaridade corresponderia à transferência de métodos entre as disciplinas em questão. E de igual modo, tal como a pluridisciplinaridade, permaneceria no registro da pesquisa disciplinar. Coutinho e Fonteles (2019) indicariam uma certa dificuldade no uso dos conceitos referentes aos novos arranjos de organização do conhecimento,

salientando a aplicação destes em muitos momentos de forma indiscriminada. As autoras estabeleceram a multidisciplinaridade como a justaposição das disciplinas, sem que houvesse cooperação entre elas. Com respeito à interdisciplinaridade, diferentemente da anterior, mais do que uma justaposição haveria uma recombinação de elementos entre elas, por meio de uma integração das disciplinas.

Em um segundo momento, observamos também o caráter do objeto a que se propõe as bases epistemológicas. Avaliando o campo da saúde mental coletiva, Périco (2019), empregando um olhar multirreferencial e reiterando a necessidade de uma transposição do paradigma hegemônico psiquiátrico, sustenta a ideia de que não haveria disciplina ou campo de saber que de forma isolada fosse capaz de contemplar a complexidade presente nas práticas de saúde física e saúde mental. Segundo o autor, teria existido, ao longo da história das reformas da Psiquiatria ampliações das formas de conceber o “objeto”, justificando, dessa maneira, uma ampliação da clínica de saúde mental, que supostamente deveria ser referendada não apenas por perspectivas “multi” ou “inter” disciplinares, mas por espaços além das disciplinas, em virtude da sobredeterminação dos fatores do adoecimento.

Levando-se ainda em consideração a questão do objeto de pesquisa e trabalho na atualidade, Coutinho e Fonteles (2019) afirmam que estaríamos diante da observação de um objeto complexo que demanda uma compreensão não binária, não metafísica, não linear e emergente, devendo ser considerados os múltiplos estados de existência, não lançando mão apenas de um trabalho de predição ou de determinação causal linear.

Posta a questão contemporânea de se considerar a complexidade desse objeto do conhecimento, submetemo-nos à avaliação sobre uma perspectiva epistemológica capaz de ultrapassar as fronteiras existentes no campo disciplinar. Deparamo-nos, assim, com o panorama da transdisciplinaridade como contribuição para a construção de relações para esse fim. Coutinho e Fonteles (2019) partem do princípio de que a transdisciplinaridade não se trata de um campo de saber, mas de uma estratégia de articulação ou formação do conhecimento.

Para Bastos e Gastaud (2013), referenciando-se nas ideias de Nicolescu (1999/2017), a transdisciplinaridade se apresentaria como um espaço promotor da não existência de lugares mais privilegiados que hierarquizariam os diversos complexos de explicação sobre a realidade. Um lugar em que se debruçaria sobre o que está, ao mesmo tempo, entre as disciplinas, por meio das diversas disciplinas e além de qualquer disciplina. É pensá-la como um local que se possibilite ir de encontro ao que os autores chamam de “babelização de conhecimento”.

A transdisciplinaridade se apresentaria como a transgressão da dualidade, oposição aos pares binários, tais como sujeito/objeto, subjetividade/objetividade, matéria/consciência, simplicidade/complexidade etc., abarcando sempre o terceiro do antagonismo, do paradoxo e, assim, complexificando a ciência, compreendendo o pensamento clássico não como equívoco, apenas, mas como um espaço restrito. Trazendo em seu bojo o pensamento complexo, a transdisciplinaridade apresentaria o paradoxo e o antagonismo não como um problema, mas como solução. A diferença entre os espaços disciplinares e transdisciplinares em termos de pesquisa reside no fato de que o primeiro estaria restrito apenas a um nível de realidade, ou fragmento desse nível; e o segundo acolheria uma estrutura descontínua de espaço e se interessaria por vários níveis de realidade (Bastos & Gastaud, 2013).

Moreira *et al.* (2019) apresentam a transdisciplinaridade como um movimento da ciência que se ocupa em tomar consciência do que se sabe e do que se ignora, uma proposta crítica ao logocentrismo da ciência e o egocentrismo dos agentes pesquisadores. A prática “trans” se proporia à interação entre as fronteiras dos saberes formais e informais, que enriqueceria a apreensão da realidade. Como consequência, a transdisciplinaridade, por meio de lógicas dialógicas e polifônicas, incluiria aí o saber do sujeito em observação, transpondo-o de um lugar de “objeto do estudo” para sujeito do próprio saber para compor o diálogo com as disciplinas, o conhecimento científico.

Destarte, podemos agora caminhar um pouco mais na direção de se compreender melhor como seria possível a relação entre a teoria psicanalítica e a transdisciplinaridade. Para Coutinho e Fonteles (2019), o estatuto da Psicanálise corresponderia à práxis transdisciplinar, por ir mais além do que um diálogo ou integração interdisciplinar. Segundo as autoras, as teorias da complexidade, com base no pensamento de Nicosescu (2009), acolheriam o modelo da Psicanálise, uma vez que aceitam os múltiplos níveis de realidade, o terceiro incluído e o princípio da contradição. A teoria psicanalítica se colocaria como um “entre lugar” marcado pela subversão de fronteiras e a integração de saberes. Dessa forma, a Psicanálise iria além das fronteiras com outras disciplinas, apresentando-se como sujeito recalcitrante na universidade, interrogando o saber, a ciência e os modos de fazer pesquisa, ao passo que interrogaria a si própria (Coutinho & Fonteles, 2019).

Para Bastos e Gastaud (2013), a proposta inicial de Freud de observação dos fenômenos psíquicos inconscientes, conjuntamente com um método terapêutico, foram acompanhadas por um empreendimento que penetrou na ciência, Literatura, Neurologia, Hermenêutica, Filosofia Fenomenológica, Medicina e Psicologia acadêmica. De acordo com os autores, na tentativa de dar voz e articulação inteligível ao que era inconsciente, Freud teria tentado erguer pontes unificadoras entre o psicológico e o neurológico, bem como entre o mundo clínico e o acadêmico; procurando, desse modo, interlocuções com outros saberes. Tal intuito fundado nessas pontes seria considerado pelos autores como sendo semelhante ao desejado nas pesquisas multi, inter e transdisciplinares.

No texto “O interesse científico da Psicanálise”, Freud (1913/2006) demonstra a tese da criação da Psicanálise a partir de fenômenos ignorados pela ciência médica de sua época, no caso, os sonhos e as parapraxias. A Psicanálise demonstrou que muitos fenômenos aparentemente sem valor podem ser explicados por hipóteses puramente psicológicas, quando encaixados na cadeia de fatos e representações psíquicas. A interpretação dos sonhos e demais formações do inconsciente podem ser considerado um trabalho de tradução de pensamentos inconscientes latentes para a linguagem de vigília, revelando um sistema arcaico de expressão intrínseco à própria linguagem. Por esse motivo, a Psicanálise se torna de interesse para diversas disciplinas, incluindo Filologia, Filosofia, Biologia, História da Civilização, Ciência da Estética, Sociologia e Educação. Por fim, o psicanalista concluiu: “Meu objetivo [com este texto] terá sido atingido se eu tiver deixado claras as muitas esferas de conhecimento em que a Psicanálise é de interesse e os numerosos vínculos que começou a forjar entre elas” (Freud, 1913/2006, p. 133).

Ademais, nessa tentativa de constituição da Psicanálise como ciência se teria desconsiderado a dialógica com o seu objeto, os próprios pacientes. O que ocorreria na análise

do inconsciente, para Bastos e Gastaud (2013), é que, ao ampliar a abertura para o campo do psiquismo inconsciente, teoria psicanalítica e metapsicologia operariam de forma dupla. Sincronicamente, ocorreriam essa ampliação juntamente com seu efeito modificador. Dessa forma, a teoria psicanalítica teria operado de forma correspondente à pesquisa transdisciplinar, na qual fenômenos de observação e transformação ocorrem simultaneamente, tanto no chamado paciente como no chamado psicanalista (observador), em que sujeito e objeto estão unidos por um campo de contraditórios de um terceiro incluído, não sendo possível ao sujeito transformar-se em objeto, nem o contrário.

Aqui teríamos um dos aspectos subversivos e incipiente que a Psicanálise traria como questão para a lógica disciplinar e científica, uma vez que o sujeito não seria transformado em um objeto, que de igual modo acontece na metodologia transdisciplinar. Mesmo que não se possa estabelecer um ponto exato de ocorrência para um movimento transdisciplinar, a transdisciplinaridade estaria presente em diversos textos de Freud, revelando-se na compreensão de que a produção humana (sonhos, os ideais, temores) se constituiriam numa projeção do imaginário sobre o real, em diferentes níveis de realidade (Bastos & Gastaud, 2013).

Coutinho e Fonteles (2019) avaliam que para Freud a integração de objetos e a constituição plural com outros saberes se daria pela própria “natureza do objeto” da Psicanálise. Para as autoras, Freud preconizaria que as mesmas forças motrizes que conceberiam os artistas estariam presentes nas pessoas sadias e neuróticas, uma vez que o objeto da Psicanálise, o inconsciente, estaria na vida social, este perpassaria uma série de disciplinas. Esse ato de transpor as fronteiras dos saberes também marcaria o caráter da pesquisa transdisciplinar, outorgando, assim, para a Psicanálise um lugar singular subversivo além das fronteiras dessas diversas disciplinas.

Aproximando-se da ideia de Coutinho e Fonteles (2019), Nunes e Maurano (2018) avaliam que a Psicanálise teria um estatuto singular no campo do saber; presente não apenas no fato da incidência do inconsciente em toda e qualquer produção humana, direta ou indiretamente, mas, sobretudo, pelo caráter do seu “objeto”, por considerá-lo um objeto faltoso. E seria a operacionalidade dessa falta, tanto na construção teórica quanto na prática clínica, que convocaria a Psicanálise à uma interlocução para a promoção de um diálogo entre diversos saberes, o que também marcaria a ideia da transdisciplinaridade; entretanto deve-se problematizar qualquer tipo de idealização que a ideia de diálogo pode produzir. A partir de Lacan (1964/2008), o objeto da falta é justamente o resto não assimilável da linguagem. O diálogo não funciona pelo encontro entre dois termos, pelo contrário, para haver dois sempre será necessário a presença do Outro da linguagem como um terceiro.

Para Nunes e Maurano (2018), quando se estabelece uma relação da Psicanálise com outros campos de saber, é preciso se destacar a especificidade da ética psicanalítica como oposição às especialidades, dado que esta leva em consideração um “saber não sabido”, ou seja, o inconsciente. Para Moreira *et al.* (2019), a pesquisa científica orientada pela Psicanálise reconhece o sujeito do inconsciente e, como tal, uma fonte de saber que pode ser reinventada, uma construção que se depara e se locomove por meio de uma lacuna do conhecimento, que toma os esforços investigativos, da mesma maneira como o sujeito é movido por aquilo que não se pode representar.

Fazendo referência ao termo lacaniano “êxtimo”, Nunes e Maurano (2018) apontam a ênfase da clínica psicanalítica na responsabilização radical do sujeito e sua relação com uma linguagem que o antecede, que não se totaliza, restando sempre algo inapreensível. Fundamentando-se no conceito freudiano de pulsão de morte e objeto em Lacan, demarcam que a linguagem se encontraria fundada pela impossibilidade de se definir, marcada pela repetição e pela busca permanente por aquilo que não se inscreve. Assim sendo, a ênfase outorgada à operacionalidade da falta daria à Psicanálise um estatuto singular no campo do saber, o não saber como condição da construção teórica. Logo a ética psicanalítica a localizaria num espaço de interlocução com outros saberes, não para a constituição de um saber total, mas para a promoção de um trânsito entre eles, engendrando assim uma proposta que se apoiaria no atravessamento dessas fronteiras e, conseqüentemente, na abordagem de novos objetos, por considerarem o objeto faltoso que constitui a construção do conhecimento (Nunes & Maurano, 2018).

É válido resgatar a discussão que Freud (1933/2006) propôs no texto “A questão de uma *Weltanschauung*” para pensar a relação da Psicanálise com a ciência. Para iniciar, Freud definiu a *Weltanschauung* como uma construção intelectual que soluciona todos os problemas da existência humana com base em uma hipótese dominante que responde a todas as perguntas e dá um lugar fixo a tudo o que nos interessa. Assim, a posse de uma visão de mundo desse tipo é um desejo ideal dos seres humanos e tem na religião seu principal modelo. A visão científica instituiu uma nova relação com o saber, na medida em que não se pretende ser totalitária. Freud faz uso da metáfora do escultor com a argila para descrever o processo de construção e reconstrução dos métodos científicos para fazer avançar a produção do saber, modificando e aperfeiçoando seu modelo até alcançar uma semelhança satisfatória com o objeto. Por esse motivo, “a Psicanálise é incapaz de criar uma *Weltanschauung* por si mesma. A Psicanálise não precisa de uma *Weltanschauung*; faz parte da ciência e pode aderir à *Weltanschauung* científica” (Freud, 1933/2006, p. 177).

Moreira et al. (2019) ressaltam que o fazer falar do sujeito estabelecido pelo modelo “trans” é uma posição, *a priori*, já posta, como posição do sujeito, desde sempre presente para a Psicanálise. Fato também corroborado por Périco (2019), reconhecendo a proeminência da Psicanálise na perspectiva de contemplar a complexidade do “objeto”, mesmo que não a localize como uma única ferramenta satisfatória para esse empreendimento. Contudo é preciso pensar sobre a possibilidade de uma certa diferença quanto às proposições de ambas, no que tange à intensidade dessa presença, uma vez que a transdisciplinaridade proporia uma mediação bem menor para o pesquisador e suas teorias, dando maior força ao discurso do sujeito como um novo saber, como contraponto às teorias tradicionais. Aqui se colocaria uma questão referente à transdisciplinaridade, uma vez que para a pesquisa em Psicanálise se assumiria o envolvimento do pesquisador e a relação intersubjetiva, ou seja, a transferência (Moreira et al., 2019).

Segundo Périco (2019), o diálogo entre a Psicanálise e demais modalidades de saber só seria possível em uma perspectiva transdisciplinar, ultrapassando a justaposição de conceitos e propiciando a articulação entre os campos de saberes, visando à suprassunção de conceitos ou a criação de novos. Portanto seria necessária uma perspectiva prática e epistemológica transdisciplinar capaz de desfazer o esquiteamento de um dado objeto, ainda posto na multidisciplinaridade. Poderia se afirmar o caráter discursivo transdisciplinar da Psicanálise

observando o fato de que tanto Lacan como Freud, expoentes psicanalíticos, teriam lançado mão de conceitos emprestados de outras disciplinas para fazer a Psicanálise avançar.

O autor assinala para uma menção indireta sobre a transdisciplinaridade na afirmação lacaniana em “A direção do tratamento e os princípios do seu poder” (1958), em que a afirmação de Lacan apontaria para uma subversão do princípio disciplinar “sujeito-objeto”, colocando o sujeito no lugar do processo de produção de Atenção, o que seria possível de se atribuir como uma produção transdisciplinar. Nessas condições, o dispositivo analítico ocupa um lugar como semblante de objeto, um lugar de “não resposta”, capaz de agenciar/causar o trabalho do próprio sujeito (Périco, 2019).

As próprias evoluções da teoria psicanalítica só foram possíveis em meio ao diálogo multi, inter e transdisciplinar, interlocuções constantes com diversas disciplinas da área da saúde, humanas, sociais e físicas. Dessa maneira, toda disciplina, entre elas a Psicanálise, se atrofiaria sem as trocas com outras áreas do conhecimento (Bastos & Gastaud, 2013). Caberia então à Psicanálise um retorno à caminhada iniciada por Freud. Argumenta-se a ideia de que nada da Psicanálise veio propriamente da Psicanálise, uma vez que houve conceitos vindos de toda parte. Segundo os autores, a teoria geral psicanalítica foi influenciada por uma *Weltanschauung*, ou uma visão de mundo transdisciplinar. Mas nem sempre a própria compreensão sobre a necessidade de uma percepção transdisciplinar é absorvida pelos psicanalistas. Isso se deve em parte por causa da tensão oriunda pela possibilidade de articulações com ontologias diversas, por exemplo, as provenientes das teorias neurocerebrais, paralelamente com certa ausência de um entendimento mais profundo sobre o conhecimento complexo transdisciplinar e da assimilação da própria Psicanálise sobre sua condição como disciplina constituída nessas ontologias e, ao mesmo tempo, em nenhuma delas, em virtude de todas serem projeções de níveis de realidade diferentes, o que ampliaria o campo dessas diversas ontologias (Bastos & Gastaud, 2013).

Para Bastos e Gastaud (2013) o contexto atual pelo qual passa a Psicanálise colocaria seu futuro em jogo com saída em duas tendências conflituosas: um empreendimento de codificação e sistematização de tudo que já foi explorado e descoberto, restringindo-se a si mesma, ou uma desconstrução de seu passado explorando novos territórios inexplorados. Os autores apontam para a necessidade de desconstruir conceitos e pensamentos estabelecidos, indagando se a intolerância com a desconstrução habitaria no campo do pensamento religioso e dogmático. O texto afirma uma convicção de que a Psicanálise, em seus primórdios, é movida por um espírito inter e transdisciplinar, e que já é perceptível movimentos revisionistas em alguns lugares com ampliações do método psicanalítico para espaços intersubjetivos e transsubjetivos da mente, conectando interioridade/exterioridade, contemplando, assim, um conhecimento amplo e correlacionado aos vários níveis de realidade.

Dadas as questões epistemológicas envolvidas na análise feita até aqui sobre a relação da Psicanálise com a transdisciplinaridade, é preciso pensar que tipo de interlocutor seria possível na sustentação dessa relação. Mesmo que não tenha sido trabalhada uma análise extensiva e profunda nos textos pesquisados, sobre esses agentes, Périco (2019) indica em sua argumentação a constituição de um trabalhador em saúde mental que estabeleça um plano prático e epistemológico transdisciplinar, para uma “Clínica Crítica” dos processos de subjetivação no contexto público e, conseqüentemente, a formação de trabalhadores

Martins, A.S.; Alves, M.C.S. & Torres, M. R. S.

transdisciplinares, os quais ele nomeia como “trabalhadores-intercessores”. Seu ponto de partida é a compreensão de um sujeito constituído ao que ele chama de “duplo entre”, ou seja, o “entre psíquico” e o “entre social”, capaz de lidar com as formações subjetivas inconscientes e as sociais. Tal concepção demandaria um tratamento capaz de promover uma subjetividade singularizada mediante um processo complexo, para além da prática clínica estrita e com uma implicação subjetiva e sociocultural do sujeito, com a sustentação de uma práxis com a necessária supressão do trabalho alienado e alienante. As características fundamentais desse agente seriam a multirreferencialidade e a transdisciplinaridade, pautado numa ética da singularização.

Para Moreira *et al.* (2019), essa revisão das abordagens positivistas trouxe a necessidade de lógicas dialógicas e polifônicas entre pesquisadores e sujeitos de pesquisa. A ciência não mais seria produzida por um sujeito ativo detentor exclusivo do conhecimento. Para Coutinho e Fonteles (2019), a Psicanálise, como “ciência do inconsciente”, exigiria uma abordagem transdisciplinar em que seus agentes deveriam estar aptos para esse trânsito entre as disciplinas, tal como fora estabelecido por Freud em seu empreendimento com outros saberes. Mencionam a pesquisa de Almeida-Filho (2005) sobre os campos disciplinares em relação aos sujeitos, campos esses que não se constituiriam como estruturas, mas por uma práxis científica. Seriam instituições compostas por sujeitos agentes que interagem, sendo que, para a comunicação interdisciplinar, seria necessário produzir discursos que ultrapassassem as fronteiras disciplinares e, uma vez que isso acontecesse, tais fronteiras não teriam mais sentido.

Assim, os agentes presentes nesses campos deveriam ser capazes de transitar entre essas fronteiras, o que indicaria para o autor citado que a transdisciplinaridade seria caracterizada como a comunicação não entre campos disciplinares, mas entre agentes em cada campo. A Psicanálise poderia ir além das fronteiras com outras disciplinas, sendo que sua identidade não seria predefinida, se constituiria com cada interlocutor (Coutinho & Fonteles, 2019).

Considerações finais

Observamos na pesquisa que a questão envolvendo uma possível relação da teoria psicanalítica com a transdisciplinaridade é perpassada por um olhar histórico direcionado para os seus primórdios. Mesmo sem o aprofundamento sobre a intencionalidade de Freud em estabelecer para a Psicanálise um estatuto científico, encontramos indícios plausíveis para se atestar uma considerável proximidade entre a Psicanálise e outros saberes em sua constituição. Parece-nos então que a questão do transcurso da relação entre Psicanálise e ciência, ou novos saberes, não se data na contemporaneidade, e aqui incluímos a necessidade de avaliar se ela ainda preserva tal aproximação.

Esta investigação nos aponta para a importância de um passo além, um exame sobre algo que acreditamos compor um novo cenário, diferentemente do contexto inicial que demarcou o próprio início da Psicanálise, que reside no fato de que nos encontramos diante da necessidade de composição de um objeto para uma ciência de caráter complexo. Aqui nos deparamos com um elemento crucial dessa relação, visto que para a transdisciplinaridade o que se põe para trabalho é um objeto complexo; em vista disso, a compreensão desse mesmo objeto não se constituiria em uma relação de causalidade linear, e sim não binária.

Martins, A.S.; Alves, M.C.S. & Torres, M. R. S.

Tal argumentação nos conduziria a indagar sobre qual seria o caráter do objeto para a Psicanálise? Visto que encontramos na pesquisa a assertiva de que para a Psicanálise seu objeto de investigação é o “inconsciente”, que nos sinaliza para a relação de causalidade psíquica entre os diversos fenômenos que o envolve, estaríamos também diante de uma relação para a Psicanálise que se apresentaria como uma causalidade linear? Seria a causalidade psíquica também linear? Se sim, como seria lidar com a possibilidade de um objeto complexo e relações não lineares na construção de novos saberes? Essa é uma questão que não foi respondida na pesquisa e que acreditamos ser pertinente. Se não, como a Psicanálise se permitiria ser modificada por novos saberes que não abarcam a causalidade psíquica? A complexidade do objeto pela proposta da transdisciplinaridade precisa ser lida pela hipótese psicanalítica da falta própria do objeto. Uma vez que o objeto não é garantido na realidade, mas incitado permanentemente por um Real que não cessa de se escrever (Lacan, Denez & Volaco, 1973-1974/2018), ele se apresenta como uma ausência que impulsiona a busca incessante por novos arranjos simbólicos e imaginários.

É possível avaliar um lugar para a Psicanálise, nessa relação com a transdisciplinaridade, de certa relevância. Parece-nos que aquilo que se revelou desde sempre como estatuto ético da Psicanálise, esse lugar do não saber, apresenta-se em consonância muito próxima com o teor da estratégia transdisciplinar. Em se tratando dos desafios da pesquisa científica, no que tange à realidade de um objeto marcado pela complexidade, há sinais de que a Psicanálise, exatamente por se apresentar nesse lugar de interrogar o saber, possa de fato assumir uma posição estratégica de sustentar a falta do objeto e provocar novas construções a partir de um desejo que não se deixa capturar pela ilusão de uma unificação plena. Pode-se buscar a viabilidade para o atravessamento das fronteiras entre os diversos saberes pela construção de lógicas dialógicas, que serão sempre provisórias e não definitivas.

E mais do que isso, uma questão muito cara para a complexidade, desfazer a relação binária: Sujeito/objeto, visto que para a ética psicanalítica o ambiente do não saber é justamente o momento em que essa relação é desfeita, no sentido de que aquilo que supostamente seria “objeto”, na lógica clássica, científica, se torna para a Psicanálise o sujeito convocado a compor o seu próprio trabalho de modo sincrônico. Consequentemente, o próprio estatuto da Psicanálise, *a priori*, tal como a transdisciplinaridade, se ocuparia de um saber não totalizante e inapreensível (Freud, 1933/2006), demarcando aqui a possibilidade da transgressão das fronteiras rígidas, características da disposição disciplinar.

Com base no axioma da complexidade defendido pela transdisciplinaridade, abrimos um ponto de reflexão sobre a relação sujeito/objeto em um conceito basilar para a Psicanálise: a transferência. Seria a transferência o lugar onde aconteceria essa simultaneidade entre sujeito/objeto? Se sim, não seria preciso avaliar à luz da complexidade do objeto uma nova perspectiva e um olhar mais atento para o conceito da contratransferência na teoria psicanalítica? Não seria o próprio analista objeto/sujeito simultaneamente?

Isso posto, indagamos se uma possível relação entre a teoria psicanalítica e a transdisciplinaridade não só teria como efeito a sua recondução para conexões com outros saberes, que nortearam seus primórdios, bem como um lugar estratégico de relevância diante do próprio contexto científico na contemporaneidade. Acreditamos que a ética psicanalítica, já posta em suas origens, a credenciaria para um lugar de provocação entre essas diversas

disciplinas: provocar é fazer emergir o desejo que possibilita alguma circunscrição ao furo do saber produzido pelo real. O assenhoreamento desse lugar talvez esteja também diretamente relacionado a quanto os interlocutores da teoria psicanalítica permitam-se ser provocados por novos saberes, o quanto percebam que, como uma práxis, a Psicanálise tem seus limites e precisa-se circunscrevê-los a partir de sua posição ética mediante o desejo do analista.

Levando em conta a pesquisa feita e as questões levantadas por ela, podemos avaliar que uma possível relação entre a teoria psicanalítica e a transdisciplinaridade teria contribuições para o campo acadêmico e clínico, concomitantemente, o que corrobora ainda mais algumas concepções presentes nas origens da Psicanálise. No que diz respeito à clínica, na atualidade, é passível de avaliação a existência de certo crescimento das linhas teóricas com ontologias divergentes da teoria psicanalítica; e poderia ser observado, conjuntamente e proporcionalmente a esse crescimento, um distanciamento e resistências maiores para com a Psicanálise, ou até mesmo questionamentos quanto à sua eficácia na contemporaneidade. Postula-se, todavia, que aquilo que se apresentaria como um possível antagonismo entre essas diferentes concepções, reforçador desse distanciamento e descrédito da Psicanálise, ao ser apoiado por uma perspectiva transdisciplinar, pode ser posto como solução, e não como entrave para novas formulações tanto clínicas como acadêmicas. Perguntamos, então, não seria possível lançar mão desse antagonismo, existente com outros saberes, a fim de preservar a ética psicanalítica, fortalecer seus conceitos e ampliá-los diante de novas contingências culturais contemporâneas? Seria viável, mais do que uma mera sobrevivência, mas também, em função de sua coerência histórica e pertinência, que os interlocutores da teoria psicanalítica demandem trabalhar o antagonismo com as diversas disciplinas como um instrumento de revigoração de sua teoria?

Referências

- Almeida Filho, N. de. (2005). Transdisciplinaridade e o paradigma pós-disciplinar na saúde. *Saúde E Sociedade*, 14(3), 30-50. Recuperado em 05/02/2025 em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902005000300004>
- Bastos, C., & Gastaud, M. (2013). Psicanálise e transdisciplinaridade. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise*, 14(2), 519-533. Recuperado em 02/01/2025 em: https://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/Psican%C3%A1lise_v14_n2_2013-10.pdf
- Coutinho, M. M. A., & Felix, R. G. (2018). A interdisciplinaridade e/ou transdisciplinaridade na educação profissional e tecnológica. *Revista Inova Ciência & Tecnologia*, 4(2), 46-53. Recuperado em 02/01/2025 em: <https://periodicos.iftm.edu.br/index.php/inova/article/view/416>
- Coutinho, D. M. B., & Fonteles, C. S. L. (2019). A perspectiva transdisciplinar da Psicanálise. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e35440. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35440>
- Foucault, M. (2014). *O nascimento da clínica* (7a ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Obra original publicada em 1963).
- Freitas, L., Morin, E., & Nicolescu, B. (1994). *Carta da transdisciplinaridade*. Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, Convento de Arrábida, Portugal. Recuperado em 02/01/2025 em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4144518/mod_resource/content/0/CARTA-DA-TRANSDISCIPLINARIDADE1.pdf

- Freud, S. (2006). A questão de uma *Weltanschauung*. In: Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 193-220). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1933).
- Freud, S. (2006). Fragmento da análise de um caso de histeria. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 15-116). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (2006). O interesse científico da Psicanálise. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 169-192). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1913).
- Galvão, M. C. B., & Ricarte, I. L. M. (2019). Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. *Logeion: Filosofia da Informação*, 6(1), 57-73. Recuperado em 02/01/2025 em: <https://repositorio.usp.br/item/002987801>
- Lacan, J. (2008). A ciência e a verdade. In Lacan, J. *Escritos* (pp. 869-873). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1966).
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1964).
- Lacan, J. (2018). *Os não-tolos erram / Os nomes do pai: Seminário entre 1973-1974*. Porto Alegre: Editora Fi. (Obra original publicada em 1973-1974).
- Moreira, J. O., Rena, A. C. C. B., Bolaños, D. F., & Oliveira, L. C. P. (2019). Teoria crítica e transdisciplinaridade: uma aposta no projeto emancipatório. *Psicologia em Revista*, 25(1), 330-347. <http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n1p330-347>
- Nunes, R. M., & Maurano, D. (2018). Transdisciplinaridade: relações fecundas entre Psicanálise e memória social. *Psicanálise & Barroco em Revista*, 13(1). Recuperado em 02/01/2025 em: <https://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/7360>
- Nicolescu, B. (2009). *Contradição, lógica do terceiro incluído e níveis de realidade* [Apresentação de Trabalho]. Ateliers Sur La Contradiction Nouvelle Force de Développement en Science et Societé, Saint-Etienne, França. Recuperado em 02/01/2025 em: <https://www.tercercongresomundialtransdisciplinariedad.mx/fr/wp-content/uploads/2019/08/Contradicao-logica-do-terceiro-incluido-e-niveis-de-realidade.pdf>
- Nicolescu, B. (2017). *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom. (Obra original publicada em 1999).
- Passos, E., & Barros, R. B. (2000). A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(1), 71-79. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722000000100010>
- Périco, W. (2019). Psicanálise, transdisciplinaridade e Atenção Psicossocial: a necessária formação de trabalhadores de Saúde Mental de um novo tipo. *Revista de Psicologia da Unesp*, 18(spe), 121-140. Recuperado em 02/01/2025 em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442019000200007
- Torres, M. R. S. (2023). Psicanálise, neurociências e neuropsicanálise: considerações teóricas na clínica das toxicomanias. *Tempo Psicanalítico*, 55, 635-657. Recuperado em 02/01/2025 em: <https://www.tempopsicanalitico.com.br/tempopsicanalitico/article/view/825>

**Contingencies of the Relationship between Psychoanalysis and transdisciplinarity:
a systematic review (2012-2022)**

Abstract

The context surrounding contemporary sciences, advocating the initiative for the construction of integrative objects in research, especially in the field of mental health, based on a perspective of the axiom of complexity, exposes us to a challenge to the prevailing classical logic in the hegemonic view of scientific endeavor. The aim of this research is to identify the relationship between psychoanalysis and transdisciplinarity. A systematic literature review of scientific articles published between 2012 and 2022 on the SciELO, PePSIC, and Google Scholar platforms was conducted. Five articles were selected and analyzed, seeking to explore the possibilities and challenges for psychoanalytic theory, both from an academic and clinical perspective, in establishing connections with other disciplines. We question the feasibility of a mediating space where psychoanalysis can not only facilitate the crossing of boundaries between these diverse fields of knowledge but also traverse and allow its traversal by new insights.

Keywords: Psychoanalysis, Transdisciplinarity, Interdisciplinarity, Complexity

**Contingences de la relation entre la Psychanalyse et la transdisciplinarité: une revue
systématique (2012-2022)**

Résumé

Le contexte entourant les sciences contemporaines, plaidant en faveur de l'initiative de construire des objets intégratifs dans la recherche, en particulier dans le domaine de la santé mentale, sur la base d'une perspective de l'axiome de la complexité, nous expose à un défi à la logique classique prédominante dans la vision hégémonique de la science. L'objectif de cette recherche est d'identifier la relation entre la psychanalyse et la transdisciplinarité. Une revue bibliographique d'articles scientifiques publiés entre 2012 et 2022 sur les plateformes SciELO, PePSIC et Google Scholar a été réalisée. Cinq articles ont été sélectionnés et analysés, proposant d'explorer les possibilités et les défis pour la théorie psychanalytique, tant d'un point de vue académique que clinique, en établissant des connexions possibles avec d'autres disciplines. Nous interrogeons la faisabilité d'un espace médiateur où la psychanalyse ne facilite pas seulement le franchissement des frontières entre ces divers domaines de connaissance, mais la traverse elle-même et consent à son passage à de nouvelles connaissances.

Mots clés: Psychanalyse, Transdisciplinarité, Interdisciplinarité, Complexité

Contingencias de la relación entre Psicoanálisis y transdisciplinariedad: una revisión sistemática (2012-2022)

Resumen

El contexto que rodea las ciencias contemporáneas, abogando por la iniciativa de construir objetos integrativos en la investigación, especialmente en el campo de la salud mental, basado en una perspectiva del axioma de la complejidad, nos expone a un desafío a la lógica clásica prevalente en la visión hegemónica de la ciencia. El objetivo de esta investigación es identificar la relación entre el psicoanálisis y la transdisciplinariedad. Se llevó a cabo una revisión bibliográfica de artículos científicos publicados entre 2012 y 2022 en las plataformas SciELO, PePSIC y Google Académico. Se seleccionaron y analizaron 5 artículos, proponiendo encontrar cuáles serían las posibilidades y obstáculos para la teoría psicoanalítica, tanto desde una perspectiva académica como clínica, para posibles conexiones con otras disciplinas. Cuestionamos la viabilidad de un espacio mediador donde el psicoanálisis no solo facilite el cruce de fronteras entre estos diversos campos de conocimiento, sino que también atraviese y consienta su travesía por nuevos conocimientos.

Palabras clave: Psicoanálisis, Transdisciplinariedad, Interdisciplinariedad, Complejidad

Recebido em: 16/4/2024

Revisado em: 26/9/2024

Aceito em: 27/9/2024